

O ÉDIPO SERTANEJO

EDIPUS: A BRAZILIAN BACKLANDER

TEREZA PEREIRA DO CARMO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

tepecar@yahoo.com.br

Resumo: Buscamos, neste artigo, um Édipo no *Romance da Pedra do Reino* de Ariano Suassuna. O autor atravessa e aclimata a matéria clássica em seu texto sem sacrificar a originalidade de sua escrita. O ponto de partida é a conflagração que se processa em Quaderna através das várias misturas, proporcionadas pelas leituras diversas que, baralhadas pelo tempo, produzem um Édipo multifacetado. O Édipo sertanejo criado por Suassuna é poeta, falta-lhe a cegueira. As musas do Sertão dão-lhe a cegueira que aprimora o verso.

Palavras-chave: Édipo; Suassuna; Conflagração.

Abstract: In this article, we seek an Oedipus in the novel *Romance da Pedra do Reino* by Ariano Suassuna. The author goes through and adapts the classical matter in his text without sacrificing the originality of his writing. The starting point is the conflation, which takes place in Quaderna through the great array of mixtures, provided by several readings which, shuffled by time, produce a multifaceted Oedipus, who, as a backlander created by Suassuna is a poet, who lacks blindness. The muses of the Brazilian backland grant him the blindness, which improves the verse.

Keywords: Oedipus; Suassuna; Conflation.

O escritor Ariano Suassuna é mais conhecido por suas peças de teatro que por seus romances. Poeta, filósofo, romancista e dramaturgo,

Suassuna é referência na literatura brasileira. Entre as suas obras teatrais destacamos *O auto da compadecida* e *A farsa da boa preguiça*. Optamos por trabalhar com seu romance intitulado *O Romance da pedra do reino e do príncipe do sangue do vai-e-volta*, publicado pela primeira vez em 1971. Sua obra foi representada no teatro com a direção de Antunes Filho (2006) e na televisão brasileira dentro do projeto Quadrante, dirigido por Luiz Fernando Carvalho (2007). Quando publica *A Pedra do Reino* Suassuna surpreende o seu público com o tamanho da obra que classifica como “uma novela que pretende ser uma epopeia – cheia de lirismo e sátira – do nordeste brasileiro”¹.

Quaderna, o protagonista de Ariano Suassuna n’ *A Pedra do Reino*, se apresenta como um diascevesta, ou seja, um revisor e crítico de obras alheias que se “arvora”, além disso, de colecionador de cantos/folhetins dos rapsodos gregos². Do nosso ponto de vista é um herdeiro da literatura clássica, percepção que amplia a herança medieval já comprovada por estudiosos tais como Santos (1999), Szesz (2007), Cardoso (2005), Oliveira (2009) e Pereira (2007).

Parece-nos ousado buscar um Édipo brasileiro na literatura de Suassuna como vimos tentando fazer. No entanto, n’ *A Pedra do Reino*, o narrador deixa claro que há um enigma brasileiro a ser resolvido e, ademais, o decifrador de charadas não poderia ser grego ou romano. Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, nascido na vila de Taperoá, está preso na cadeia da vila e conta-nos sua história. Ele é rei, decifrador e profeta, como podemos constatar abaixo:

“Ora, eu, Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, sou o mesmo Dom Pedro IV, cognominado “O Decifrador”. Rei do Quinto Império e do Quinto Naípe, Profeta da Igreja Católico-Sertaneja e pretendente ao trono do Império do Brasil”³.

¹ Micheletti 1983: 4.

² Suassuna 1972: 269.

³ Suassuna 1972:5

É nesta condição que o nosso herói de 41 anos, prematuramente envelhecido pelos sofrimentos⁴, resolve escrever o seu memorial⁵ dirigido aos nobres Senhores e belas Damas de peitos brandos. A personagem-narrador de Suassuna é um Poeta-Escrivão, Rapsodo-Acadêmico e Cronista-Fidalgo que pretende com o seu memorial tornar-se o “Gênio da Raça Brasileira” e, para isso, apropria-se da literatura de cordel, da xilogravura, das musas do sertão e da cultura antiga com sua mitologia. Da cultura clássica, temos a referência espacial, quando Quaderna compara o Castelo da Pedra do Reino a um “anfiteatro antigo e bruto”⁶. A menção nos alerta para o trágico, reforçando a ideia de Édipo, já anunciada pelo próprio Quaderna ao se intitular decifrador de enigmas. Ao se aproximar das duas torres de pedras e perceber que a imagem real e a imagem artística eram diferentes, o Poeta-Escrivão atribui o exagero artístico a uma das características igualmente presentes nas tragédias, profecias e epopeias:

“Só depois, quando comecei a entender melhor as coisas, a estudar mais o estilo epopeico e profético, foi que me certifiquei de que a patranha é uma das características indispensáveis às Tragédias, Profecias e Crônicas-Epopeicas, como as deles. Naquele primeiro momento, porém, a decepção foi dura”⁷.

No entanto, ao revelar sua decepção a Euclides Villar, poeta e decifrador como ele, aprende que os poetas brasileiros são mentirosos. Ao criar o seu Almanaque de Campina Grande com charadas e enigmas em verso, Euclides Villar possibilita a Quaderna preparar-se para vir a ser o Édipo, visto que, mesmo com toda a cultura popular presente nos almanaques, o mais importante dentre eles, o Almanaque charadístico

⁴ Suassuna 1972: 6.

⁵ Suassuna 1972: 4.

⁶ Suassuna 1972: 102.

⁷ Suassuna 1972: 103.

e Literário Luso-brasileiro, publicará anualmente seu suplemento chamado Édipo, do qual Quaderna será colaborador. Quaderna é o emparedado entre o enigma e o logogrifo. Sendo um logógrafo como os prosadores e historiadores dos primeiros tempos da Grécia, Quaderna poderia criar suas charadas e suas adivinhas, com linguagem obscura e discurso ininteligível; sendo decifrador, estava mais apto, assim como o Édipo clássico, a decifrar enigmas. Acima de tudo, é o poeta que pretende escrever a obra que lhe dará o título de “Gênio da Raça brasileira”, mas, para isto, é necessário, como dissemos antes, que ele também fique cego, como os poetas clássicos, dentre eles, Homero e Camões. Assim, de forma peculiar, Suassuna cria o Édipo brasileiro à sombra do Édipo clássico e de Homero, o cantador cego. Ser cego é a qualidade do Édipo clássico que lhe permite alcançar o conhecimento. O Édipo brasileiro é poeta, antes de ser cego. O ofuscamento que o atacou cessa e recomeça em intervalos de tempo; de repente Quaderna vê, sua cegueira também vai-e-volta:

184

“(…) Minha sorte, porém, é que a cegueira que me assaltou os olhos é intermitente! Cego como estou, às vezes, quando menos espero, sem qualquer prenúncio que me avise, um raio fende o escuro-penumbroso em que vivo mergulhado, e então eu vejo”⁸.

Ariano Suassuna reconstrói a inquirição do delito de forma inventiva, pois ele adota possibilidades outras. Quaderna relata no Folheto LI o assassinio de seu tio e padrinho, Dom Pedro Sebastião, que era casado com a irmã de Quaderna, apontando para uma família incestuosa à maneira clássica. A morte do padrinho de Quaderna aconteceu em

“...circunstâncias cruéis e absolutamente enigmáticas, indecifráveis: foi ele encontrado morto, assassinado a golpes de faca e trancado, sozinho, dentro do aposento, único mais elevado, de

⁸ Grifo do autor. Suassuna 1972: 476.

uma edificação quadrejada e alta que servia, ao mesmo tempo, de torre para a Igreja e de mirante para a Casa- Forte da fazenda”⁹.

O enigma-de-crime-e-sangue, que é a morte de seu padrinho¹⁰ é o mote para Quaderna escrever o seu romance-epopeico. Ironicamente, ao contrário do enigma da Esfinge que leva o homem à morte caso não responda corretamente como Édipo, Quaderna tem um enigma sobre a morte, um assassinio e um desaparecimento. Ao que nos parece, quando compõe sua personagem sob a sombra do patrono dos charadistas e decifrador de enigmas¹¹, Suassuna incita o escritor brasileiro a se apropriar de formas passadas. Sua personagem atravessará trajetória muito distinta – sem, contudo, abrir mão da investigação de um crime – e só alcançará sua dramaticidade e sabedoria, como vimos, após tornar-se cego e epilético. Hipócrates atesta a presença da epilepsia entre os gregos como sendo de causa natural, não devendo ser atribuída a um deus. No entanto, a epilepsia entre os gregos antigos é conhecida como *morbo sacer*, ou seja, a doença sagrada que segundo os antigos atacava aqueles que eram “tocados pelo divino”. Quaderna, durante o depoimento ao Corregedor e à escritã Dona Margarida, teoriza:

“Uma cegueira? E o senhor cegou? Está cego? (...) __ Sr. Corregedor, de fato, é uma cegueira muito estranha, essa que me assaltou os olhos, naquele dia. A meu ver, ela é parenta próxima da epilepsia- genial que também me atacou, como lhe disse. Deixaram-me as duas numa espécie de vidência-penumbrosa, na qual o Mundo me parece com um Sertão, um Desertão, o De-Sertão”¹².

⁹ Suassuna 1972: 289.

¹⁰ Suassuna 1972: 462.

¹¹ A Pedra do Reino 1972: 507.

¹² Suassuna 1972: 473-474.

Traçamos nossa investigação a partir do detalhamento de alguns aspectos: o primeiro é a construção da personagem-narrador Quaderna, à sombra de Édipo, como uma *persona in conflatione*¹³ épico-teatral, visto que o autor afirma através do narrador que o romance é o único gênero literário que “concilia tudo”:

“[...] Quando cheguei na palavra ‘romance’, tive um sobressalto: era o único gênero que me permitia unir, num livro só, um ‘enredo, ou urdidura fantástica do espírito’, uma ‘narração baseada no aventuroso e no quimérico’ e um ‘poema em verso, de assunto heroico’ [...] O romance conciliava tudo! [...] Faria do meu Castelo sertanejo a única Obra ao mesmo tempo em prosa em verso, uma Obra completa, modelar e de primeira classe!”¹⁴.

O romance possibilita romper com o verso poético e com a prosa e, ao mesmo tempo, manter os dois gêneros por conciliar tudo. Escrever o seu castelo sertanejo era, assim, compor o seu espelho, refletor da imagem de vários em um só. O romance é também a escolha de Quaderna para a sua “Obra da Raça”. A personagem-narrador de Suassuna é uma construção que foge aos padrões. Ele deseja o título de “Gênio da Raça” e para isso é importante que escreva uma excelente obra. Assim, o gênero romance é o escolhido, mesmo que seja desprezado pelos seus amigos intelectuais, Clemente e Samuel. Entretanto, ainda que se faça o “Romance d’A pedra do Reino”, o autor se considera um fabricante de “epoi”, um fabricante de palavras épicas. Ao escolher o romance para o seu projeto, temos também uma escolha pela pluralidade de gêneros. Bráulio Tavares, em sua obra *ABC de Ariano Suassuna*

¹³ Expressão formada a partir de termo tomado da crítica textual (Westcott-Hort), que designa a possibilidade de estudo das inúmeras variantes textuais possíveis; aqui utilizado por nós de maneira ampliada e heterodoxa para designar a construção da personagem ‘Quaderna’. Cf. Conflação Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/idiomas/Texto_bizantino_Paulo_Benicio.pdf.

¹⁴ Suassuna 1972: 147.

(2007), afirma que o projeto de Quaderna é delirante e por isso requer uma antropofagia de todos os gêneros, visto que ele escreve ou reescreve “histórias reais, histórias fictícias, poemas de autores eruditos, versos de cordel, romances ibéricos, documentos históricos, textos proféticos, visões sobrenaturais, epigramas, anedotas fesceninas”¹⁵. No entanto, Quaderna é escritor de almanaque e charadista e tem a temática do crime não solucionado como enredo de sua obra. Ora, essa temática encontra-se presente na tragédia e não na epopeia, sendo o primeiro aspecto característico da poesia trágica. Quaderna está *in conflatione*. Seu romance é inédito, o que o torna inédito também, como ele mesmo afirma:

“«Romance heroico-brasileiro, ibero-aventuresco, criminológico-dialético e tapuio-enigmático de galhofa e safadeza, de amor legendário e de cavalaria épico-sertaneja!» (...) Assim, sou o único escritor e Escrivão-brasileiro a ter integralmente correndo em suas veias o sangue árabe, godo, negro, judeu, malgaxe, suevo, berbere, fenício, latino, ibérico, cartaginês, troiano e cário-tapuia da Raça do Brasil! (...) Depois de pronto e devidamente versado, o meu será, portanto, no mundo, o único Romance-acastelado, cangaceiro- estradício e cavalariano-bandeiroso escrito por um Poeta ao mesmo tempo de pacto, de memória, de estro, de sangue, de ciência e de planeta”¹⁶.

187

A *conflatio*, nesse caso, é um tipo de mistura advindo de leituras múltiplas, elas próprias já misturadas pelo tempo, formando uma totalidade complexa, uma fusão, um trançado de personagens. Assim é a obra de Quaderna, como assim o é também Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, uma personagem multifacetada, resultado da interação de culturas variadas.

¹⁵ Tavares 2007: 152.

¹⁶ Suassuna 1972: 342-343.

Suassuna traz para a narrativa suas experiências com o teatro e a poesia, brinca com a metalinguagem, expondo os “mistérios” da criação. O tema central do romance são as artimanhas de Quaderna e a trágica história dos seus antepassados na cidade de São José do Belmonte, interior de Pernambuco. Através da narração em primeira pessoa (Quaderna), o escritor paraibano descreve paisagens e situações alucinantes, reinventa a cronologia e adapta fatos históricos à sua ficção (a magia das grandes navegações, as cruzadas, os romances de cavalaria, as revoluções).

Se José de Alencar foi exuberante, mas não ousou exibir um herói picaresco, Ariano busca as interseções entre o popular e o erudito, misturando a poética aristotélica com o Romantismo e buscando o êxtase criativo em um realismo rotulado por alguns intelectuais de mágico, fantástico. Obcecado por criar uma epopeia nordestina, o narrador torna-se quase cômico. Na solução do nó de sua trama, o recurso greco-latino tão questionado por Aristóteles, o *deus ex machina*, próprio da tragédia e da comédia, surge para resolver as inquietações da alma que perturbam a raça humana.

Para que fiquem claras nossas hipóteses de leitura, é preciso que explicitemos com mais vagar nossa compreensão sobre a presença de *deus ex machina* n'A Pedra do Reino. Para isto, voltaremos a Aristóteles na *Poética* (1454a, 33-1454b, 1-7). O estagirita desenvolve uma crítica incisiva ao *deus ex machina*, afirmando que os poetas só deveriam recorrer a este recurso em acontecimentos que se passam fora do drama: ou nos dramas que se referem ao passado, anteriores à narrativa os quais se desenrolam em cena; ou naqueles nos quais ao homem é vedado o conhecer; ou ainda nos acontecimentos futuros, que necessitam ser preditos ou prenunciados – pois aos deuses atribuímos o poder de tudo ver, assim como o irracional que não deve entrar no desenvolvimento dramático. Normalmente, o *deus ex machina* aparece no final da tragédia para resolver o desenlace da ação dramática. A divindade surge do céu como algo sobrenatural e tem, de certa forma, uma função profética.

É este sobrenatural que encontramos no Folheto XLIV: A visagem da moça Caetana. No universo de Suassuna, a moça Caetana é uma onça. Também conhecida como a Onça Caetana, representação da morte é uma divindade, conforme o imaginário popular sertanejo: “No Sertão, a morte é uma Moça que atende pelo nome de Caetana e não uma Onça. Ao beber na fonte popular, Ariano Suassuna recria o mito da Morte sertaneja e cria a Onça Caetana, um misto de humano e animal”¹⁷. N’ *A Pedra do Reino*, Quaderna tem uma visagem da moça Caetana e a descreve desta forma:

“(...) uma moça esquisita, vestida de vermelho. O vestido porém, era aberto nas costas, num amplo decote que mostrava um dorso felino, de Onça, e descobria a falda exterior dos seios, por baixo dos braços. Os pêlos de seus maravilhosos sovacos não ficavam só neles; num tufo estreito e reto, subiam a doce e branca falda dos peitos, dando-lhes uma marca estranha e selvagem. Em cada um de seus ombros, pousava um gavião, um negro, outro vermelho, e uma Cobra-coral servia-lhe de colar. Ela me olhava com uma expressão fascinadora e cruel”¹⁸.

189

Sedutora, a imagem da moça Caetana descrita por Quaderna representa um ser híbrido, misto de humano e animal. Essa hibridez é acumulativa e garante para ela não só a duplicidade, mas, também, a suplementariedade: Caetana possui poderes sobrenaturais, como escrever com o fogo que sai de seu indicador. Apresenta-se como divindade ladeada por dois animais caros ao povo sertanejo, a cobra-coral, que lhe serve de colar, e dois gaviões, um vermelho e outro preto; signos do subterrâneo, do terrestre e do celeste. Estes últimos, os gaviões, surgem como musas arrebatadoras da visão comum

¹⁷ Pereira 2007: 83.

¹⁸ Suassuna 1972: 241.

(recorde-se o instante de cegamento de Quaderna). É sabido que as garras dos gaviões e a picada da cobra-coral são mortais. No entanto, são as garras da felina que assustam Quaderna, pois ela escrevia com o fogo que saía de suas unhas; o bibliotecário sabia que esta “era a terrível Moça Caetana, a cruel morte sertaneja, que costuma sangrar seus assinalados, com suas unhas, longas e afiadas como garras”¹⁹, e, portanto, seu destino estaria selado. Neste caso, o *deus ex machina* de Suassuna, representado pela divindade sertaneja da Moça Caetana é um recurso sobrenatural que comunica a Quaderna “alguma coisa fundamental, alguma coisa perigosa, estranha, indecifrável, mas decisiva”²⁰, fatos que ao homem é vedado o conhecer.

O terceiro aspecto é a cegueira epopeica de Quaderna como metáfora para alcançar o conhecimento poético. A partir da cegueira, o herói se iguala aos grandes escritores, obtendo o conhecimento necessário para suas memórias. Diante do assunto, Quaderna faz a seguinte reflexão:

190

“Camões, quando tinha dois olhos, era apenas um Poeta Lírico, chorão e cortesão. Cegando um olho, tornou-se Epopeieta, e só foi épico de segunda grandeza, imitador de Virgílio, por ser apenas meio-cego e não cego inteiro. Chega-se à conclusão de que o Gênio de um Epopeieta é tanto maior quantos mais olhos cegos ele tenha, sendo essa, provavelmente, a causa profunda de Homero ser considerado o maior de todos pelo Doutor Amorim de Carvalho. (...) Se o fato de não ser cego significava alguma desvantagem em relação ao desgraçado do Grego Homero, a inferioridade estava, agora, sanada, graças às divindades da rapina da Morte Caetana. A contagem do ponto até subira muito em meu favor, porque Homero era cego, mas não existira nem tinha sido completo”²¹.

¹⁹ Suassuna 1972: 241.

²⁰ Suassuna 1972: 241.

²¹ Suassuna 1972: 507-508.

Durante o depoimento ao Corregedor, Quaderna expressa o seu desejo de escrever a obra máxima da humanidade a partir do crime indecifrável, e pouco a pouco expressa seus conhecimentos literários, referindo-se inclusive ao grande tradutor brasileiro de Homero, Manuel Odorico Mendes: a tradução cultural de Édipo exalta o tradutor de Homero. Com seus amigos e professores Samuel e Clemente, Quaderna mostra a sua erudição e suas preferências literárias. Para compor a sua obra, a realidade é o ponto de partida, no entanto, o poeta aprende com seu amigo Euclydes Villar que a literatura pode modificar a realidade, tendo em vista que “tudo era uma questão de saber olhar”²².

O poeta é um mentiroso. Em *Antiga Musa*, Brandão alerta para o fato de as musas revelarem a Hesíodo que sabem dizer mentiras: “As Musas não se limitam a afirmar que sabem, acrescentando que sabem não só anunciar coisas verdadeiras (alethéa), como também dizer muitas mentiras”²³. Dizer mentiras semelhantes a verdades, como faz a musa de Homero e de Hesíodo, dá ao poeta uma autorização para reinventar. Quaderna foi cegado pelas musas sertanejas e é na voz das musas, pelas palavras, pela linguagem, que se dá a nomeação, a presentificação, a revelação, e também o simulacro, a mentira e o esquecimento²⁴.

Mentir faz parte de seu ofício para restaurar o “Reino Encantado da Literatura”; em suas palavras: “como Rei, cantador, poeta e guerreiro das cavalhadas sertanejas, tinha a obrigação de restaurar o Reino, o Castelo, o Marco, a Catedral, a Obra, a Fortaleza da minha Raça! Seria a Literatura dos folhetos e romances que iria restaurar de novo, pelo fogo da Poesia”²⁵. O castelo que Quaderna deseja construir não é mais de pedra e sim de poesia e, para isso, a cegueira torna-se indispensável. No primeiro momento, a cegueira é algo trágico para Quaderna, pois

²² Suassuna 1972: 105.

²³ Brandão 2005: 76.

²⁴ Smolka 2000.

²⁵ Suassuna 1972: 105.

ele também sofre do mal sagrado, mas o desejo de tornar-se epopeieta à semelhança de Camões e Homero torna-o um conquistador do Reino.

De acordo com Anna Paula Soares Lemos, a cegueira é alegórica, é um meio utilizado por Suassuna para atingir os sonhos, as aspirações de Quaderna:

“Cegueira alegórica que ora atinge o olhar estético e poético para que transpareça o trágico da “carnadura concreta” do real, ora atinge o olho trágico para que a poesia tenha espaço para encher de brilhos a pedra do sertão e a transforme na pedra do reino. E transitando por esse limiar sonho- real empírico, o narrador Quaderna vai conciliando contrários e trazendo o popular pelo viés erudito em cada passo de sua obra”²⁶.

192 É a partir dessa cegueira que Quaderna conta nos folhetos de V a X a história de sua família, a instauração e trágica destruição de cada um dos quatro Impérios que formaram a Pedra do Reino. O fim trágico anima Quaderna a desejar restaurar o Quinto Império²⁷ tendo ele como rei. No Folheto X, o nosso narrador-protagonista, orgulhoso da tragédia que atinge sua família real, afirma: “nossa Casa Real não fica devendo nada às outras, em questão de prosápia e importância epopeica. Nossa monarquia acaba, como todo Trono digno desse nome, com os campos e a Coroa banhados pelo sangue dos Reis”²⁸. Como Édipo, Quaderna deseja herdar o destino de sua família. A sua família é uma Labdácida condenada à tragédia e é preciso matar o pai e casar-se com a mãe para construir o Quinto Império. Entrar no mundo da cegueira

²⁶ Lemos 2007: 54.

²⁷ Quaderna tem orgulho de pertencer à família real Sertaneja da Pedra do Reino como é apresentado na história dos cinco Impérios; sendo ele o descendente e herdeiro do trono do Quinto Império, apresenta os brasões e bandeiras da família real. A história dos cinco reinos está descrita nos Folhetos VI-X d'A *Pedra do Reino*.

²⁸ Suassuna 1972: 47.

é indispensável, pois, só assim, é possível assumir a poesia como mãe, tornar-se andarilho e repousar no Reino da Poesia. Temos, assim, a inversão com o Édipo brasileiro: o grego mata o pai, desposa a mãe e depois se cega, Quaderna fica cego para poder desposar a mãe!

Tomado da cegueira, Quaderna profetiza a chegada do Alumioso em seu cavalo branco: “E como, ao mesmo tempo, eu começasse a ouvir um som de trompa – provavelmente a mesma buzina de caça que Sinésio tocaria logo depois, na Praça – o fogo sagrado da Epopeia começou a me agitar, soprado pelas cordas da Tiorba do genial Bardo brasileiro, Dom Raymundo Corrêa”²⁹. As musas do sertão deixaram Quaderna cego exatamente no momento da chegada do rapaz do cavalo branco.

Os gaviões sagrados possibilitam a criação da obra máxima da humanidade no reino da poesia. Igualado a Homero e Camões, o reino particular que Quaderna deseja é o literário. Por isso, ele não é nem Homero, nem Camões, mas sim o decifrador, que possui um enigma superior ao proposto pela Esfinge a Édipo e desafia:

“...eu, Dom Pedro Quaderna, (Quaderna, O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador (...); eu (...) desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível, cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu padrinho e a ‘desaparição profética’ de seu filho Sinésio, o Alumioso, esperança e bandeira do Reino Sertanejo”³⁰.

A intenção de Quaderna é fazer da criação de sua Obra Máxima um enigma, assim sendo, reúne vários gêneros literários, vários autores, várias vozes para formar o seu reino poético – tudo o que propõe o

²⁹ Suassuna 1972: 472.

³⁰ Suassuna 1972: 30.

campo dos Estudos Culturais, porém, escrito de forma poética e não teórica, muda a estratégia discursiva da tradição, como afirma Hall³¹:

“...tradições que parecem ser antigas são muitas vezes de origem recente inventada (...); tradição inventada significa um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica que buscam inculcar valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado”.

A criação literária converte-se em um enigma com empréstimos de várias vozes; ao leitor cabe decifrar, se possível, cada um deles. O cego Quaderna vê muito além e apresenta o seu enigma: “modéstia à parte, minha charada epopeica, o logogrifo em versos que vai iniciar minha Epopeia, é muito superior ao enigma-mor dos gregos, povo de Homero!”³².

Uma nova tessitura é apresentada. O cego Quaderna compõe fios de várias cores com várias tramas em seu emaranhado. O enredo rompe a ordem cronológica e espacial, o sertão torna-se reino e é através da construção literária que Quaderna recria o mundo ao seu redor. Este novo mundo é o Reino da Poesia, que transforma o nosso narrador, a nosso ver, em um Édipo inédito, totalmente brasileiro, visto que Homero e Virgílio são apenas os tradutores da *Ilíada* e da *Eneida*, tendo seu verdadeiro autor na pessoa de Manuel Odorico Mendes, como podemos conferir na proposta de Samuel presente no Folheto LXXVII, procedimento semelhante ao utilizado por Jorge Luis Borges com o Pierre Menard, isto é, há um esvaziamento dos autores da *Ilíada* e da *Eneida*.

Ao misturar mito e história do Brasil, Suassuna utiliza um recurso próprio de se fazer epopeia. Segundo Colombani, os assuntos presentes nas epopeias são mais que criações do aedo, “Os temas se referiam a um

³¹ Hall 1997: 58.

³² Suassuna 1972: 364.

pretérito heroico narrado pelo aedo, que os gregos, como já dissemos, acreditavam real e não produto de sua imaginação”³³.

No decorrer da narrativa simples, patente para a epopeia e a mimesis teatral, uma forma suplementada pelo discurso direto e o desdobramento de papeis, Suassuna erige seu castelo com os temas, entre muitos outros, clássicos, os quais, por sua vez, remetem aos diálogos intertextuais que, explícitos ou não, dependem de nossa postura como leitor, da relação que fazemos entre os textos que ocorrem de várias maneiras e de uma nova interpretação, que sempre é possível. Da epopeia, como uma pedra de alicerce, encontramos o exórdio e invocação à musa logo no início do romance. A divisão da obra em folhetos é análoga à da epopeia, que é dividida em cantos, além de o próprio título de alguns folhetos remeterem à épica como modelo revisitado sem compromisso com os critérios aristotélicos.

No rastro de Édipo, temos a cegueira do narrador que por várias vezes se deixa levar pelo orgulho. O orgulho de Quaderna (e ambigualmente de Ariano Suassuna) aparecerá como a falha trágica não só pela intenção de construir um poema-reino inigualável para a literatura brasileira como ainda, segundo a personagem Pedro Beato, por inventar histórias acerca de sua família e criar com elas mitos de fundação. A cegueira, no entanto, é primordial para a contação de histórias de Quaderna. É como cego, possuído pela *ate* ou pela Musa sertaneja, a exemplo de Homero e Camões, que eles (autor e personagem) revelam ao Corregedor, auditor e espectador, a epopeia de sua família e o modo como se resolve, tal qual um Édipo, a busca de suas origens mais remotas, inclusive de suas origens literárias. Para isso, todos os gêneros concorrem num só romance.

A presença do *deus ex machina* surge como um elemento fantástico para solucionar inquietações da alma do homem, materializado, na obra, pela visagem da moça Caetana que desce do céu, como o sobrenatural,

³³ Colombani 2005: 7. Tradução nossa.

com a função profética, inevitável: a mortalidade humana. Resurge, assim, a cegueira propiciada pelas musas sertanejas que permitem ao cego Quaderna compor sua trama com fios coloridos, recriando o mundo ao seu redor e erigindo o Reino da poesia tão almejado; da épica ovidiana, nasce a sua metamorfose em um Édipo inédito, brasílico, mestiço. Antropofagicamente, Quaderna digere todos os gêneros literários que se apresentam e os devolve misturados, reescritos de forma genuinamente brasileira, amalgamados nas suas várias origens, ultrapassando a origem medieval e chegando à mais remota antiguidade.

Quaderna é, na verdade, Homero, Virgílio, Sófocles, Sêneca, Camões e quem mais houver a ser descoberto pelo leitor. Suassuna, como regente da obra, exerceu sua capacidade de olhar criticamente para o passado, dialogando com o presente e com o futuro na empreitada de soerguimento da literatura mestiça, a literatura brasílica.

BIBLIOGRAFIA

- Aristóteles, *Poética*. Souza, E. trad. (1991), São Paulo, Nova Cultural.
- Benício, P. J. *O texto Bizantino na tradição manuscrita do Novo Testamento grego*. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/idiomas/Texto_bizantino_Paulo_Benicio.pdf Acesso em 14 de agosto de 2008.
- Borges (1992), *El Oro de los Tigres*. Editora Leviatã.
- Brandão, J. L. (2005), *Antiga Musa: (arqueologia da ficção)*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG.
- Colombani, M. C. (2005), *Homero. Ilíada: uma introducción crítica*. Buenos Aires, Santiago Arcos Editor.
- Genette, G. (2005), *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte, UFMG.
- Hall, S. (1997), *Identidades Culturais*. Rio de Janeiro, DP&A.

- Herrmann, L. (1924), *Le théâtre de Sénèque*. Paris, Les Belles Lettres.
- Homero, *Ilíada*. Nunes, C. A. trad. (2002). Rio de Janeiro, Ediouro.
- , *Odisseia*. Nunes, C. A. (2002). Rio de Janeiro, Ediouro.
- Hutcheon, L. (2006), *A theory of adaptation*. New York/London, Routledge.
- Lemos, A. P. S. (2006), *Ariano Suassuna, o palhaço-professor e sua Pedra do Reino*. RJ, UFRJ, Faculdade de Letras, 132 fl. mimeo. Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada.
- Lefevere, A. (2007), *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru, Edusc.
- Sanders, J. (2006), *Adaptation and appropriation*. New York/London, Routledge.
- Smolka, A. L. B. (2000), *A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural*. Educação & Sociedade, ano 21, 71: 166-193.
- Suassuna, A. (1972), *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora.
- (2007), Um auto de esperança. Entrevista a Fernanda Montenegro. *Jornal O Globo*. Caderno 2: 1-2. Rio de Janeiro, 3 Junho.
- Tavares, B. (2007), *ABC de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro, José Olympio.